

# OCCIDENTE

REVISTA ILUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	19.º Anno — XIX Volume — N.º 640	Redacção — Atelier de gravura — Administração
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	\$950	\$120	5 DE OUTUBRO DE 1896	Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



## CHRONICA OCCIDENTAL

Por Lisboa nada que interesse, nada que excite a curiosidade, nada que seja assumpto de conversações. Graças a Deus nem um crime, nem uma desgraça, nem um incendio, nem morte de personalidade illustre! Nada. Paz podre no noticiario. Até parece que quer falhar o criminoso de Alhandra e não seremos nós que lhe havemos de levar a mal a falha.

Lá por fóra, sim. O Czar em Paris, e ainda elle lá não chegára, tem enchido columnas e columnas dos jornaes.

As festas serão de slumbrantissimas. Ha dias um chronista fazia a conta ao dinheiro gasto em balões e bandeiras. Uma fortuna! Nem a minha e a do leitor juntas á do sr. Marquez de Franco. Chita, papel e côtos!

O pobre Nicolau II vai aturar uma d'estas massadas que ficam lembrando para toda a vida. Dia a dia, hora a hora, o desgraçado autocrata, o senhor do poder absoluto e illimitado, vai regular os seus passos, o somno, os suspiros que tenha a dar, pelo mais despotico dos programmas. Elle quer coçar a orelha? Não pôde ser; tem n'esse mesmo segundo que fazer um cumprimento a M.<sup>tes</sup> Faure. Quer beber um copo d'agua? Não pôde; tem que comer uma sandwich. Quer bocejar? Não pôde; tem que sorrir. Quer aparar

um callo? Não pôde; tem que marchar para o Palacio de Justiça.

Ah! quantas vezes não ha de elle invejar o mais humilde dos seus servos!

Será um tempo de penitencia, como o era a quaresma para aquelle excellente rapaz, cujas aneddotas, ha quinze ou vinte annos, eram conhecidas de Lisboa inteira.

Elle bebia, coitado! Era o seu fraco. Qual de nós não tem um fraco? Mas elle bebia um bocado demais, e depois bebia todos os dias, e isso é que era o diabo. Mas emfim, estava-se em terça

feira gorda, que é um dia excepcional e tinha uma certa desculpa. E dizia elle:

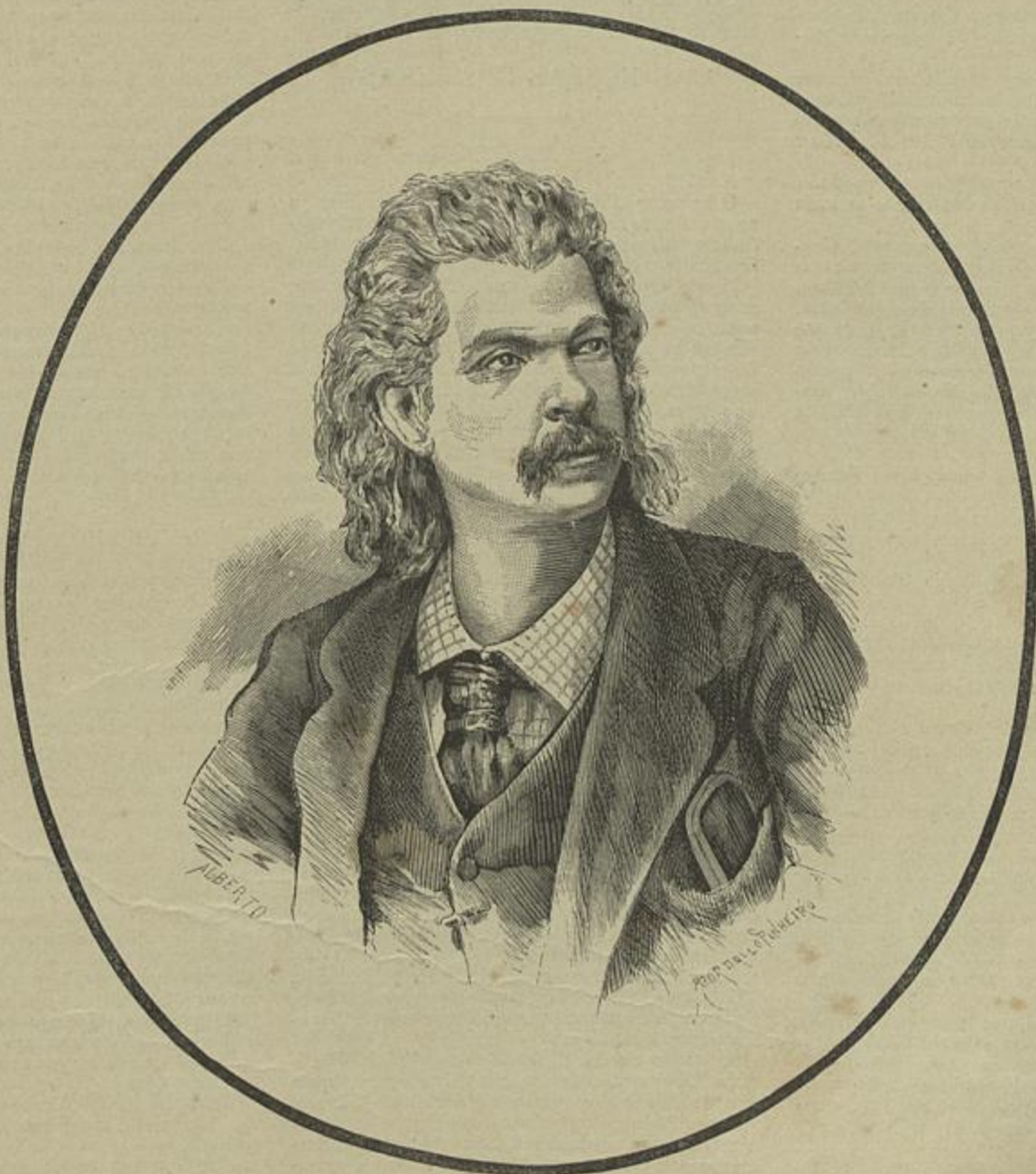
— Amanhã quaresma. Toca a fazer penitencia, castigar o corpo. O corpo pede movimento? Dá-se-lhe descanso! O corpo pede descanso? Dá-se-lhe movimento! O corpo pede carne? Dá-se-lhe peixe! O corpo pede peixe? Dá-se-lhe carne! O corpo pede agua? Dá-se-lhe vinho! O corpo pede vinho?... Ora adeus! Isto também não vai a matar. O corpo pede vinho? Dá-se-lhe vinho!

Pobre imperador! Só elle não fará nada do que lhe hão de pedir o corpo e o coração! O sorriso

há de ser sempre constante em seus labios, sorriso vago, indeciso, para ninguém, para coisa nenhuma, sorriso melancolico de dançarina para a pasta doirada dos camarotes. Ha de assistir ás recitas nos theatros sem dar um só momento de attenção ás actrizes, porque n'elle se fixa a de toda a sala; andará leguas pelos corredores extensissimos de todos os monumentos, sem que o seu olhar fixe um só quadro de mestre, um só recanço historico; ouvirá discursos laudatorios e terá que corresponder ás saudes officiaes, sem que os seus labios tenham um só movimento de goso ao tocarmos a espuma branca do champagne; ver-se-ha acclamado por toda a população d'uma cidade que, dizem alguns, deveria ser a capital do mundo, e talvez seus olhos se maravilhem, sua fantasia se exalte, mas seu coração ficará mudo, adejando saudoso para regiões tranquillas.

Pobre autocrata! Em tanta festa será elle quem menos se ha de alegrar, mais escravo que os escravos!

Francamente, antes fazer annos cada um em sua



CARLOS GOMES — FALLECIDO NO PARÁ, EM 16 DE SETEMBRO DE 1896



casa com sua mulher e seus filhos, sem discursos nem salamaleques. «Parabens. Muito obrigado. A sua saude.» Isto entende-se.

Que as festas hão de ser brilhantes, é claro. Que serão n'uma ou n'outra coisa, um quasi nadinha superiores ás do centenario de Santo Antonio, é obvio.

E d'ahi quem sabe? Tão faladas...! Saberão corresponder ao que d'ellas se espera? Dizia uma senhora que o melhor dia da vida... era a vespera.

E, ainda assim, é preciso ter confiança no dia. Parece que uma das difficuldades que mais apouquentaram as senhoras em Paris foi o comprimento que deveriam dar ás caudas dos vestidos. A pragmatica russa é algum tanto complicada e isto de pragmaticas anda muito esquecido na França republicana. Mas emfim quem recebe em sua casa o soberano de todas as Russias tem que atender a muitos casos e informar-se da minima coisa que possa susceptibilisar hospedes tão singulares. A imperatriz usa na Russia um vestido com cauda de dez metros; os das princezas tem nove metros; os das damas da corte um pouco menos; e assim successivamente se vae cortando a cauda conforme se desce na importancia. As senhoras francezas extrahiram a raiz quadrada ás caudas dos vestidos principescos e apresentar-se-hão muito simplesmente, com vestidos roçando apenas trez metros pelos parquets das salas de baile.

Tão insignificante quanto este caso o pareça, prova bem até que ponto os francezes estão dando importancia á visita do imperador d'esse paiz enorme, em que a França quer encontrar o seu principal aliado. Entretanto, forçoso é confessar-o, a forma porque a população republicana de Paris recebe um tão poderoso monarcha absoluto, causa a par d'um certo espanto, uma desagradavel estranheza. Haverá razão para isso? Talvez não. O francez é excessivamente polido. Quando a Senhora D. Maria Pia esteve em Paris, hospedada no Hotel Bristol, dos primeiros a inscreverem-se cumprimentando a Rainha portugueza, foram os membros socialistas do Conselho Municipal.

Nem todos são como aquelle celebre Lisbonne da perna de pão, comunista decantado, que, tendo vindo a Lisboa tratar de negocios seus, poz no cabeçalho da carta que escreveu a El-Rei D. Luiz: *Citcyen Roi!*

Este, ao menos, era sinceramente malcreado.

Mas quantas más creações ditas com o ar mais fino!

Lembra-me uma historia que me contou Gervasio Lobato no mesmo dia em que foi pagar a renda d'uma das muitas casas em que habitou, porque o Gervasio tinha a mania das mudanças.

Estava no escriptorio do proprietario um outro inquilino, no mesmo martyrio do pagamento do semestre, homem todo cumprimenteiro, tratando o senhorio nas palminhas, não fosse elle por embirração augmentar-lhe a renda. Todo attento, todo amavel, sempre com o risinho lisongeiro nos lábios, despediu-se.

— Então! Então!... Por quem é!... Faz favor de não se incomodar?

E com a mão na massaneta da porta, para um lado, para o outro, sem atinar como havia de abrir.

— Então! Então!

O senhorio levou a mão ao fecho, deu-lhe uma volta, e, sem lhe custar nada:

— Faz favor?

A porta estava aberta. O outro, de chapéo na mão, a recuar, sempre risonho, sempre amavel:

— Bem diz o dictado! Mais sabe o tolo no seu que o ajuizado no alheio!

Este homem era um ratão. Tinha a mania dos proverbios, que geralmente estropiava, calumniando a alta sabedoria das maximas de Salomão.

Os seus predilectos eram: *Duro com duro não faz farinha e Favas contadas não moem moinhos.*

Um dia, espantado que um amigo d'elle nunca quizesse acompanhá-lo por certa rua, recebeu como explicação a d'uma divida possivel d'esse homem em alguma loja.

— Deve ser isso. Quem tem cão tem medo.

E, sempre com proverbios, estropiados ou não, era como Sancho Pança para acabar questões. Enfiava-os, a torto e a direito, e esmagava o adversario.

— Sabes que mais? Eu, quando falo, é pão pão, pão com manteiga. Quem desdenha mata caça e mais vale um toma que dois a voar.

Morreu por ter comido distrahadamente um bocado de caliça. É que provavelmente não tinha estudado por aquelle livrinho em que se dizia aos meninos:

*Comer papel e comer cal  
Dizem todos que faz mal.*

La agora a começar o seu bom tempo dos theatros abertos. Que elle só lhe importava saber se a peça tinha sumo. O que queria aquillo dizer? Applicava-se-lhe um titulo que fosse um meio proverbio com pontinhos? Rica peça! Eil-o todo contente! Mas a metade que faltava estropiava-a sempre. Pouco importava. A peça tinha moralidade!

Seria bom saber-se a opinião d'elle sobre *Os Intimos* e *O Judeu Polaco*, que farão parte do repertorio d'este anno no theatro de D. Maria.

*Os Intimos* é uma das mais alegres e bem urdidadas comedias de Victorien Sardou. Foi em Lisboa ha bastantes annos, não tendo obtido o exito que certamente merecia pelo seu altissimo valor e excellentes desempenho. *O Judeu Polaco* tem como melhor merecimento o ser devido á collaboração tão justamente celebre de Erckmann e Chatrian, os auctores de *Amigo Fritz* e dos *Rantzau*, que tanto desejaríamos ver outra vez em scena no primeiro theatro da capital.

Boas noticias teem vindo do Brazil relativamente ás companhias portuguezas actualmente ali funcionando.

Não sabemos a que attribuir as más novas que correram com relação á empresa Taveira. Melhor desmentido não poderia ser dado do que os extractos dos jornaes do Rio que foram publicados no *Primeiro de Janeiro* de ha dias. A companhia continuava agradando, *O Hotel do Livre Cambio* tivera grande exito e a empresa auferia lucros.

O peor é depois. O cambio é que o pesadelo. Ainda, ha bem pouco, dizia um guarda de alfandega para um camarada, mostrando-lhe um coronel brasileiro, que desembarcava no Lazareto: — Este homem, coitado, fez mal em vir para Portugal. Coronel! Aqui, com o cambio, não dá um cabo de esquadra.

João da Camara.



## AS NOSSAS GRAVURAS

CARLOS GOMES

O baquear d'esta gloria da arte brasileira, a morte d'este notavel maestro, comquanto não fosse uma surpresa foi contudo uma terrivel realidade.

Desde muito que as mais desencontradas e sempre desconsoladoras noticias circulavam por todo o mundo ácerca do estado de saude do illustre compositor do *Guarany*, do *Condor* e de tantas outras operas cuja audição lhe valeu o justo titulo de que gozava de Mestre da musica brasileira.

Nós, que algumas vezes tivémos occasião de saudar aqui o distincto artista, não podíamos deixar de cumprir o triste dever de annunciar aos nossos leitores o passamento de Carlos Gomes, que se deu na noite do dia 16 do mez passado, quando a Arte ainda tanto esperava d'elle.

Emmudeceu para sempre o estro musical mais inspirado que o Brazil possuia. Desappareceu do mundo artistico uma das mais robustas organizações musicas. E, se a patria o pranteia, nós acompanhámo-la na sua dôr, n'um côro geral porque nem um só paiz, nem um unico centro da Arte, na Europa, deixou de lastimar tão grande perda.

A propria Italia agora tão ciosa da cultura musical, tão justamente envaidecida pelos seus maestros, não pôde esquecer aquelle que alli estudou e que alli apresentou as suas notaveis partituras — *Guarany*, *Fosca*, *Salvador Rosa*, *Maria Tudor*, *Escravo* e *Condor*, que alli recebeu a elevada educação musical, que aliada ao seu talento, lhe permittiu uma carreira esplendorosa de triumphos.

O fallecido maestro brasileiro tornara-se sympathico á Italia, a esse ninho de musicos illustres, seguindo Verdi, Rossini, Donizetti e Ponchielli. Nascido a 11 de julho de 1839, o maestro Antonio Carlos Gomes contava 57 annos de idade. Viu a luz do dia, em Campinas, no estado de S. Paulo, e desde muito moço mostrou grande disposição para a musica.

Animado e auxiliado pelo seu amigo dr. Theodoro Langaard e outros, em 1859, seguiu para o Rio de Janeiro, aonde se matriculou no Conservatorio. Bem cedo, pela sua applicação alcançou a estima dos professores de aquelle estabelecimento, e pelas suas composições sacras e profanas se tornou conhecido entre os fluminenses.

O seu primeiro trabalho foi a *Noite no Castello*,

que, representada na Opera Nacional, teve acolhimento muito favoravel da parte de um publico selecto e entendido. A esta seguiu-se a opera *Joanna de Flandres* cuja partitura original desappareceu no incendio do theatro Santa Isabel, aonde estava confiada ao seu empresario Marinangeli.

Foi mais tarde, em 1863, que se representou na Opera Nacional a *Joanna de Flandres* que tal impressão causou ao imperador que este, sempre prompto a proteger os artistas, arbitrou a Carlos Gomes os meios precisos para se ir aperfeçoar no Conservatorio de Milão.

Ahi, Carlos Gomes teve a felicidade de encontrar um dos mais conscienciosos mestres da antiga musica italiana — Lauro Rossi, o qual tomou o maior interesse na sua educação, pois reconheceu em Carlos Gomes um espirito de eleito.

Pouco depois de acabado o curso do Conservatorio, em 1870, representou-se no *Scala* a sua primeira grande opera: — o *Guarany*.

Iniciado assim o illustre compositor na difficil senda artistica, continuou colhendo successivamente, com as operas que já indicámos, os triumphos que lhe grangearam a reputação que o celebra.

Em Lisboa, foi o *Guarany* representado pela primeira vez em S. Carlos, dez annos depois, em 1880, entrando no seu desempenho as notaveis artistas prima-dona Herminia Borghimamo, tenor Tamagno e barytono Pandolphini. Esta opera, vergonha é dizel-o, é a unica que conhecemos do maestro brasileiro; de todas as mais, nenhuma ainda se representou entre nós.

A obra prima de Carlos Gomes é hoje, segundo os criticos consideram, a *Fosca*, mas que de principio não foi apreciada como devia, datando só de 1891 os applausos com que a plateia do *Scala* victoriou o maestro que em 1878, época da sua primeira representação, recebera o mais frio acolhimento possivel.

Para nós, o *Escravo*, pelo grande elemento dramatico do assumpto que foi habilmente tratado, parece-nos, pela concordancia dos criticos, ser a verdadeira joia artistica de Carlos Gomes.

O glorioso maestro exhalou o ultimo suspiro, apoz longa e dolorosa agonia na casa n.º 59 da travessa Quintino Bocayuva, no Pará, onde o seu passamento causou verdadeira consternação.

Os funeraes, que foram muito concorridos e feitos a expensas do Estado do Pará, constituíram uma alevantada e imponente manifestação, dando o prestito uma grande volta pela cidade.

Os consulados, edificios publicos e associações particulares, entre ellas a Benificente Portugueza e Gremio Litterario Portuguez hastearam a sua bandeira em funeral.

A morte, pois, do notavel maestro é um facto consummado. Acompanhando o Brazil, deploramos com elle a perda do seu illustre filho. Restelhe porém uma consolação, é que ficou a sua musica agradável e sonora, vigorosa, cheia de selvatica energia que, enebriando-nos, ha de recordar sempre o mallogrado compositor cuja vida desappareceu tão rapida.

## OS IMPERADORES DA ABYSSINIA

A guerra ateadá pelos italianos na Abyssinia, e que tão desastrosas consequencias trouxe á Italia, tem occupado a imprensa europea desde os principios d'este anno, em que o exercito italiano principiou a soffrer os maiores reveses, n'aquella parte de Africa até á grande derrota de Adouá, o mais terrivel desastre, que em tempos modernos tem soffrido um exercito, deixando no campo milhares de mortos, ficando o resto, que subia tambem a milhares prisioneiro e em poder dos abysinios a artilheria, etc.

Mas se este desastre das armas italianas produziu a mais funda impressão em toda a Europa, não tem produzido menor sensasão o saber da sorte dos prisioneiros, nas mãos de inimigos semi-selvagens, no interior da Africa.

Acontece, porém, que os abysinios não são um povo tão selvagem como a muitos se afigurava e, não obstante as suas leis datarem da idade media, tem noções de justiça que atenuam até certo ponto a barberia em que vivem.

O seu procedimento para com os prisioneiros italianos assim o está provando; attendendo aos esforços que o *negus* tem feito para lhes suavisar o captivo.

O imperador da Abyssinia Menelik, d'esta grande região d'África, que tambem se denominou Etiopia, não é completamente refractario ás leis da civilisação europea, e tem mostrado que sabe respeitar a sorte dos vencidos.

E' um valente que tambem passou os primei-



ros annos da sua vida no captiveiro, porque tendo nascido em 1842, filho do rei de Ochoa, Aillé Malakot que foi destronado pelo imperador Theodoro, ficou prisioneiro ainda uma creança, e podendo escapar-se do captiveiro, em 1864, voltou á sua patria, matou o governante e resgatou a corôa.

Não é esta a unica façanha do seu reinado e o modo como se houve na ultima guerra, mostra que é um inimigo para temer e respeitar.

Tem sido demoradas as negociações da paz e da entrega dos prisioneiros em que tem andado empenhados tanto o rei Humberto como o papa Leão XIII, mas a causa da demora é o imperador Menelik exigir grandes indemnizações de guerra, como quem tem verdadeiro conhecimento da superioridade da sua posição, querendo que entrevenha nas negociações, segundo as ultimas noticias, a Russia.

Entretanto não pôde ser mais desgraçada a situação dos prisioneiros italianos, a despeito de todos os esforços, que, como dissemos o *negus* tem feito para a melhorar, mas pouco nos devemos admirar que assim seja, sabendo-se que a guerra assolou os campos d'aquelle paiz e esgotou os fundos do seu thezouro.

Os naturaes lutam com difficuldades para se alimentarem, e tanto basta para ajuizar do estado dos europeus.

As noticias recebidas d'ali contam horrores da miseria em que se encontram os prisioneiros, cheios de fome, rotos descalços, sem recursos para suavisar a sua triste sorte, no mais cruceante captiveiro que se pôde imaginar.

A paz tem forçosamente de estabelecer-se e resgatar os prisioneiros, por que uma nova guerra é quasi impossivel, no estado de excitação da opinião publica em Italia, que condemna asperamente a aventura que Crispi tentou em Africa, e para tirar a desforra seria preciso pôr em risco, mais alguns centos de mil homens.

Eis o estado em que as coisas se encontram com respeito aos italianos na Abyssinia.

## COSTUMES DA SUISSA

### UMA ALDEIA DE CHAMOUNIX

A Suissa é, por assim dizer, um paiz privilegiado em que as nações mais cultas tem que aprender para o grande problema do bem estar social.

Pequeno em extensão e população, mais se pôde considerar uma familia do que uma nação com os complicados processos das leis e da politica, onde os patronatos e as ambições polulam por todos os lados.

Ali não ha nada d'isso. A Suissa é uma familia patriarchal em que cada um occupa o lugar que lhe compete, respeitando as leis e concorrendo todos para o mesmo fim — o bem estar commum da sua sociedade. Cada cidadão é um soldado e comtudo quasi que não tem exercito. O analfabeto não existe e todos tem a nitida comprehensão dos seus direitos e dos seus deveres.

Na cidade ou no campo o suíço é sempre o mesmo homem polido e educado. A riqueza está tão dividida, que quasi se poderia estudar ali praticamente o communismo.

O presidente da republica helvetica tanto pôde ser um general, um jurisconsulto, um commerciante ou um mestre escóia. Os direitos são todos eguaes, mas de uma forma pratica, desde que o cidadão tenha a capacidade necessaria.

D'aqui resulta um bem estar que não se observa em nenhum outro paiz.

Todos trabalham pelo que ninguem estende a mão á caridade; o mendigar é profissão desconhecida na Suissa e comtudo em paiz nenhum o viajante é recebido com mais carinho e desinteresse.

Vive-se tão bem nas cidades, como nas aldeias, porque os costumes são simplissimos e as necessidades poucas. Um viver parco, sincero e bom que faz bem á alma e ao coração.

Por isto se pôde fazer ideia de quanta bondade serão dotadas as suas simples aldeias, como aquella que faz o assumpto da nossa gravura,

Bem posta na simplicidade do seu traje, não notareis um rasgão, nem uma nodosa na sua saia ou no seu corpete; bem calçada como o mais pobre dos seus aldeões, porque na Suissa nem os pastores andam descalços, nada desmancha a compostura do seu vestuario.

Terá sempre uma boa palavra para vos receber, um sorriso para vos agradar, sincero como a consciencia do dever, de ser educada e boa, d'essa bondade que dá o bem estar, sem ambi-

ções nem aspirações de mais, julgando-se feliz com o que tem.

Assim é a vida na Suissa, nas cidades ou nas aldeias; assim são os seus habitantes desde o mais alto funcionario, como aqui se diz, até ao mais humilde pastor.

Assim são as suas aldeias como aquella cujo retrato apresentamos ás nossas leitoras.

## LUIZ KUHNE

### E A SUA NOVA SCIENCIA DE CURAR

A extraordinaria celebridade de que o nome de Luiz Kuhne, de Leipzig, se tem rodeado, a extrema simplicidade do seu novo methodo de curar, sem medicamentos nem operações, desperitou um tão alto interesse, grangeando tantos adeptos, que seria imperdoavel não registarmos n'estas paginas o apparecimento da nova sciencia.

As grandes discussões que o methodo de Kuhne já tem levantado, e virá a suggerir entre as corporações e homens doutos, são novos triumphos para tal innovação, que em verdade se deve considerar um relevante serviço prestado á humanidade pois pretende livral-a dos medicamentos cujos efeitos perniciosos são equalados aos resultados desastrosos de muitas operações.

O corpo humano, objecto de todos os methodos de curar, é o laço commum entre elles e assim, tambem, o unico que liga a nova sciencia aos antecedentes.

Kuhne, considerando que o envenenamento pelos medicamentos é a causa principal de hoje se encontrarem poucos homens saos e do crescimento aterrador das doenças chronicas, saúda a homeopathia como a primeira aliada na lucha contra a crença perniciososa nos medicamentos e, graças ao cuidado com que a homeopathia prescreve a dieta devida, serve ella de transição e de intermediaria para a arte de curar sem medicamentos.

E' pois um dos pontos mais importantes da nova sciencia a dieta não excitante que escolhe e que se encontra n'ella clara e exactamente determinada, por ser baseada nas leis da natureza.

Para diagnosticar as doenças, Kuhne socorre-se da sciencia da expressão do rosto, theoria sua, fundada em observações cuidadosas. Baseia-se o illustre allemão em que o corpo deve ter uma forma normal característica, e as suas experiencias levaram-n'o a verificar que realmente as doenças produzem alterações notaveis na forma do corpo, principalmente o rosto e o pescoço, dando uma imagem segura do estado do individuo.

D'este phenomeno da alteração do corpo, conclue Kuhne, guiado pela natureza, que as elevações e inchaços proveem de substancias que se depositaram nos sitios referidos. Essas substancias extranhas obedecendo á gravidade localizam-se desde o começo sobre o lado para que se dorme. Conclue-se, diz Luiz Kuhne, que esses substancias são extranhas, isto é que não deviam estar no corpo, pelo menos, sob esta forma especial, porque as nutritivas não obedecem á gravidade.

E' da fermentação d'essas substancias extranhas, que não poderam ser expellidas, que resulta a febre da accumulção que d'ellas se fez no baixo ventre, e da sua presença resulta a molestia que é toda uma, e, assente n'essa unidade, Kuhne torna a sua theoria.

Não é possivel nas rapidas linhas que hoje consagramos á nova sciencia de curar, dar d'ella uma idéa, por mais pallida que seja. O verdadeiro methodo de Luiz Kuhne, em Portugal, está já em vespera de sexta edição e ahi vem explanados todos os pontos. Embora o livro prescreva os tratamentos a seguir nas diversas affecções, todavia alguns ha em que as indicações de um pratico são indispensaveis.

No capitulo *os meus agentes curativos*, Luiz Kuhne explana a parte mais interessante do seu methodo, onde segue um tratamento uniforme visto a unidade que affirma na molestia. São os banhos de vapor de diferentes especies, para a cabeça e para o pescoço, os banhos de sol, de tronco, etc.

Segue-se outro capitulo que completa o antecedente, e que se intitula: *o que devemos comer? o que devemos beber?* em que demonstra a importancia do jejum, as medidas preventivas contra a supernutrição, o grau da digestibilidade dos alimentos, a acção da fructa verde sobre elles, a digesti-

bilidade dos cereaes e a importancia da farinha de trigo.

O homem é frugivoro, e Kuhne apresenta a confirmação scientifica d'esta verdade; são provas a dentadura, os intestinos, e os sentidos indicam a alimentação conforme a natureza, etc. A toda esta parte tão importante do methodo segue-se uma serie de receitas que a completa.

\*  
\*  
\*

Tão intuitiva, tão consentanea, pois, com as leis da natureza quem poderá negar valor e verdade á nova sciencia de curar? Para resposta poderiamos dar noticia das curas verdadeiramente milagrosas de que temos noticia. Por isso não devemos insistir porque para se fallar do methodo de Kuhne bem se poderia dizer como o critico: é grande para se decorar mas pequeno para se lér, pois embora seja um livro de sciencia a sua linguagem é accessivel e o interesse augmenta tanto mais quanto se examina.

E.

## SAUDAÇÃO

### AO REV.º PROSPERO PERAGALLO

Foste? Partiste pois? Acreditavamos,  
Amigo, que jámais nos deixarias.  
Ha tanto aqui, nós todos te prezavamos,  
E tu por todos nós amor sentias.

Na Italia, a que voltaste pesaroso,  
Embora seja patria e sempre cara,  
No seio da familia precioso,  
Ainda mal, de possuir-te avara,

Tu choras pela terra portugueza,  
Que te foi nova patria estremecida,  
Da tua quasi irmã por natureza,  
Onde feliz passaste o mais da vida.

Entretanto outros dias de ventura  
Do teu solo natal terás no gremio,  
Na paz do lar, a consciencia pura,  
Da virtude e saber colhendo o premio.

Foste! Partiste! E na hora derradeira  
Não pude, não ousei adeus dizer-te:  
Soffro da minha dôr de tal maneira,  
Que d'esta dôr fugi, que não quiz ver-te.

Mas agora que longe te diviso  
E sinto mais, sem ti, a soledade,  
Nos versos meus desafogar preciso,  
E mando-te este canto de saudade.

Recebe-o; nasceo de animo sincero;  
Dentro do coração presta-lhe abrigo;  
E, assim como eu de ti me lembro, espero  
Que não te esqueças do distante amigo.

Ramos-Coelho,

## PORTUGAL EM 1760

XX

### EPILOGO DAS CARTAS ANTECEDENTES

Hontem á noite, quando voltei de casa do cardeal para a hospedaria, não me sentindo com muita vontade de dormir depois de ceia, tive desejo de ler tudo o que vos tenho escripto desde que ando a viajar, especialmente as cartas datadas em Portugal. Quando passei pelos olhos rapidamente estas ultimas, cogitei por algum tempo no seu conteudo, e depois disse de mim para commigo: Supponhamos um pouco senhor José Baretto, que vossa senhoria um dia d'á estampa estas frioleiras d'estas suas cartas. Que dirá o mundo? Esta é uma pergunta que todo escriptor sabio ou circumspecto deveria muito a serio fazer a si mesmo, muitas e muitas vezes, antes de se aventurar a imprimir um livro seu. — Que dirá pois o mundo quando estas minhas cartas estiverem impressas? — O amor proprio responde que as não de ler com avidissimo prazer, e que até os homens mais occupados e as mulheres mais distraidas deixarão as suas occupações e os seus passatempos para gosarem tão delectosa leitura. O amor proprio responde que todos hão de louvar a idéa das minhas cartas; que todos admirarão a elegancia da minha dicção, a pureza do meu estylo, a variedade dos meus pensamentos, a facilidade



## OS IMPERADORES DA ABYSSINIA



A RAINHA DE CHOA  
E IMPERATRIZ DA ABYSSINIA TANTI



O REI DE CHOA  
E IMPERADOR DA ABYSSINIA MENELIK

das minhas expressões e a justeza dos meus sentimentos. O amor proprio responde que ainda outros me chamarão um bello pintor de objectos materiaes, me considerarão um investigador sagaz dos usos e costumes; que todos adoptarão os meus systemas e a minha moral, e que em substancia todos me hão de celebrar como um dos mais claros, mais elegantes e mais seguros escriptores que hoje em dia possui a Italia. Mas, queridos irmãos, o amor proprio é um velhaco, o amor proprio é um traidor que sempre nos lisonjeia e adula, e que, a maior parte das vezes; só trata de nos enganar e de induzir em erro. A minha leitura de hontem á noite faz-me reccar que as minhas cartas acerca dos portuguezes sejam por mais de um condemnadas á primeira vista, sem embargo das favoraveis suggestões do meu amor proprio. O que eu escrevi dos portuguezes, posto tudo junto e ao mesmo tempo debaixo dos olhos, e lido sem interrupção, parece-me causar um effeito algum tanto differente do que me fazia quando me brotava da penna com intervallos de vinte e quatro horas. Chego, por exemplo, á estalagem da Cabeça, e encontrando alli mau alojamento, e ainda peor jantar, metto-me em fôfas, e deixando correr picarescamente a penna, descrevo o jantar, a estalagem, e depois o estalajadeiro, carregando a mão com uma rethorica burlesca, e emprego todo o engenho para que a minha descripção não seja inferior á de outro mau jantar e de outro ruim alojamento feita pelo Berni no seu famoso capitulo ao medico Fracastor. Se não se me tivesse offerecido uma vez ou duas a occasião de descrever as estalagens; se não tivesse estado no Valle de Alcantara, e se não me houvesse encontrado com aquella descarada de Vendas Novas, todo o portuguez haveria de rir com a leitura d'estas minhas cartas, como todo e qualquer homem de toda e qualquer nação, porque me teria conservado sempre faceto sem acrimonia, e moral sem azedume. Mas deu-me muitas vezes a tineta de mostrar-me acrimonia faceto e azedamente moral rabiscando os meus pensamentos tanto em Lisboa depois do apedrejamento, como nas estalagens de Aldeia Gallega, dos Pegões, de Vendas Novas, de Arraiollos e de Elvas, as quaes todas descrevi de modo extravagante, porque são de facto pessimos albergues, comparados principalmente com os que se encontram no caminho, viajando por outras partes. Por isso quem sabe se algum portuguez de nascença ou portuguez de genio, não dirá que eu maldigo e

vitupero toda a nação portugueza, mettendo a ridiculo uma casa deteriorada, uma venda meio em ruinas, um frangão mal cosido, um caldo rançoso, um estalajadeiro mal creado, uma estalajadeira importuna e desvergonhadissima? Quem sabe se as austeras reflexões feitas em consequencia das pedradas que me atiraram proximo do Valle de Alcantara não serão consideradas como excessivamente sarcasticas e como demasiado cynicas. E quem sabe se alguém não me censurará tambem por não ter descripto com estylo serio e sublime a corrida dos touros, e o organista irlandez, e os engenhos do relógio de Mafra e os buracos dos pombos do palacio de Cintra e outras cousas semelhantes. No caso, porém, de se imprimir esta minha viagem, peço desde já ao leitor que advirta que, se eu em alguma d'estas minhas cartas chaqueei e disse mal da parte mais abjecta da plebe de Portugal, nem por isso me esqueceu falar bem de muitos individuos portuguezes que não são

plebe. Lembrem-se que na descripção do terremoto, pintei a meu ver com nobreza de colorido o animo bom e compassivo de um monarcha que muito esclarecidamente se mostrou compassivo e bom n'aquella angustiosissima conjunctura. Lembrem-se que, quando descrevi a função patriarchal, notei a extrema e exemplarissima piedade da rainha e a comparei com a de um philosopho que no criterio da razão pôde entrar em confronto com as mais altas personagens sem sombra de desdouro. O pouco tempo que estive em Lisboa e a humildade da minha pessoa não me deram nem podiam dar ensejo de examinar mais de perto esses dois soberanos e sua familia; e, se porventura m'o tivessem dado, não teria sequer ousado fazer me por minhas mãos panegyrista de soberanos, conhecendo que não sou do tado da força herculea sufficiente para arcar com tão grande peso; além de que, a minha invencivel natureza me affastou sempre de empezas taes.

Se, pois, o tempo e as circumstancias me tivessem permitido observar face a face os ministros, os nobres e outras pessoas mais notaveis do reino lusitano, estou certo que teria tido occasião de empolar umas vezes o estylo, e outras vezes de pintar a sabedoria e a justiça d'aquelles ministros e as virtudes e magnanimas qualidades d'esses fidalgos e d'essas pessoas notaveis. Em toda a Europa moderna a gente nobre e civilisada, tanto pelo que vi como pelo que ouvi dizer, é na maior parte muito uniforme e semelhante; e é erro acreditar que os grandes e senhores de uma cõrte e de um paiz sejam muito differentes dos senhores e dos grandes de outra cõrte e de outro paiz. Mas, porque não vi mais do que aquillo que realmente vi durante a minha curta estada em Portugal, não disse de Portugal outro bem senão aquelle que podia dizer, isto é, esse pouco que vi, não tendo por costume louvar sem perfeito conhecimento de causa, ainda aquillo que não merece senão encomios. Mas, se, em parte por indole, em parte por não ter sido testemunha de vista, não fiz menção de cousas que talvez outro escriptor não deixaria em silencio, e se não rendi louvores geraes áquella nação; permitta-me o leitor asisado que lhe observe, como disse, que, se metti a ridiculo cinco ou seis estalagens e se vituperei a plebe portugueza, principalmente depois do apedrejamento de Alcantara, comtudo disse bem de todos os portuguezes que me pareceram dignos d'isso. Louvei a bondade, a boa educação e a hospitalidade dos religiosos que encontrei, tanto em Nossa



LUIZ KUHNE  
AUCTOR DA NOVA SCIENCIA DE CURAR



Senhora da Pena como no convento de cortiça, a memoria dos quaes me será sempre respeitavel e querida. Ao almoxarife de Villa Viçosa fiz a justiça que a sua primorosa cortezia mereceu; e creio que o urbano prior de Arraiollos não se queixaria de mim, se pudesse ler o que escrevi a seu respeito. Registei com prazer a bondade que usou para commigo o religioso dominico, que foi nosso companheiro de viagem de Aldeia Gallega até Montemor, n'aquelle subito conflicto em que me collocou a imperti-

a nação portugueza, porque sei, sem que ninguem me ensinasse, que em toda a parte ha bom e mau, e que o mundo é o mesmo em toda a parte; e estou firmemente persuadido de que, se tivesse de permanecer em Portugal por tanto tempo quanto residi em Inglaterra, teria encontrado, como lá encontrei, gente dignissima de ser nomeada com respeito, affecto e louvor, como nomeei os paes da Pena, os da serra de Cintra, o almoxarife de Villa Viçosa, o prior de Arraiollos e

exactidão e escrupulosa pontualidade, não querendo sobre taes capitulos imitar certos escriptores atrevidos que discreateam *ex cathedra* acerca dos ministros e dos governos, simplesmente para se darem ares de homens importantes, e para se mostrarem homens de valia, capazes de desempenharem em caso de necessidade algum emprego publico, embora eu nem mesmo creia que os enredos politicos sejam cousas superlativamente dificeis, e requeiram uma intelligencia muitas



*Koch*<sup>sc</sup>

COSTUMES SUISSOS — UMA ALDEIA DE CHAMOUNIX

nente mulher de Vendas Novas. E, se fiz justiça a todos quantos durante a minha breve estada em Portugal encontrei cortezes e bons hospedeiros, que rigido censor haverá ali para me arguir de ter narrado com certa vivacidade ou reflectido com alguma aspereza sobre a pouca bondade, a pouca educação ou a pouca hospitalidade da gente da mais baixa estófa, ou antes sobre toda a plebe portugueza, que, como a plebe de quasi todos os paizes do mundo, não tem nem pode ter qualidades boas, grandes e estimaveis? Ninguem portanto se persuada de que n'essas minhas cartas eu tivesse intenção de falar em desabono de toda

o dominico que ficou em Montemor. Juntarei a estes meus protestos que em uma ou outra d'estas minhas cartas com datas portuguezas disse ainda alguma cousa a respeito de algum ministro e do governo de Portugal; mas porque, antes de falar em publico dos governos e dos ministros, haja mister de ser miudamente informado, para não passar por tolo e ignorante ou presumido aos olhos d'aquelles que estão bem informados, deixarei de parte, no caso de publicidade, tudo aquillo que escrevi sobre esses dois assumptos; e assim farei sem nenhum outro fim que não seja o da só pena de não falar com plena

milhas mais alta do que a minha. Accrescentarei ainda que n'estes derradeiros annos o governo de Portugal, a exemplo do que se tem praticado n'outros paizes, fez alguma reforma nos estudos, para secundar as intenções do soberano; ouvi que se tem mandado procurar nas nações mais cultas homens sabios para os convidar com generosissima paga a ensinar toda a especie de boas doutrinas aos subditos de sua majestade fidelissima. Favoreça o céo tão louvaveis cuidados e faça florescer em Portugal igualmente a probidade que o saber, pois d'isso me congratularei eu sempre muitissimo juntamente com todos os bons ci-



dadões do mundo; e não serei o ultimo, sendo preciso, a entretecer capellas de applausos para todos os que forem fautores e promotores de tão divina obra. — Mas ahí vem o Merosio com quem vou palestrar sobre mil cousas; e por isso adeus, meus irmãos.

Alberto Telles.

## UM ESTUDO DE PAYSAGEM

(RECORDAÇÃO)

O sitio era realmente pittoresco.

Uma orla de matta com carvalhos, sobreiros e alguns pinheiros erguia-se sobre o matto florido composto de tojeiras, murta, carrasco e urzes, dando um conjunto de côres suaves e linhas desenhadas, que tentava a reprodução pelo pincel.

Ficava este local sobre o alto de uma das muitas collinas que compoem o concelho d'Alemquer; era absoluto ali o socego, dava-se n'aquelle logar o silencio especial que se encontra no campo em sitios elevados: os povoados mais proximos ficavam distantes uns dois kilometros; e habitações mais perto havia a do Montauray na base do monte, e ali mesmo ao pé do meu ponto um pouco sobre a esquerda o casal do Lé-lé, de que via a frente e parte do telhado com aboboras amareladas em cima; para além da parte superior do predio distinguam-se longes que terminavam nos montes do Sobral de Monte Agraço; para o lado opposto, a leste, por entre as aberturas dos ramos avistava-se o dorso da serra de Monte-Junto semelhante um gigantesco cetaceo, opposto ao meu ponto do lado do sul a matta fechava-se completamente e por ella se perdia o carreiro por onde eu viera.

O meu estudo estava proximo a terminar, era aquella a terceira sessão que lhe dedicava e pintara-o com a maior consciencia que podera, diligenciando reproduzir aquelle interessante conjunto de vegetação; a questão era o tempo permitir, pois o céu, que a principio estava claro, ia-se annuando um tanto.

A gente do Lé-lé andava decerto intrigada com o que fazia aquelle sujeito, que havia tres dias vinha todas as manhãs para ali sósinho, sentar-se no mesmo sitio, que armava uma esquisita gerinçoa de paus e se punha depois a olhar para as arvores; e assim elles que não viam na matta nada de mais que outros dias, vinham um ou outro á porta olhando-me pasmados.

O nosso camponez, como, por falta de tradição ou educação, não tem a menor idéa das cousas d'arte, quando não moteja do artista que vê estudando no campo, mostra por elle a maior indifferença; quanto differe do de Italia, por exemplo, que, como me contava o grande mestre Silva Porto, por toda a parte acolhe bem os artistas, e chega a tornar-se importuno com os seus offercimentos para *pousar de modelo*; mas aqui é caso bem diverso.

São em geral os garotos do povoado mais proximo os *mirões* que vem rodear o pintor, pois basta um dar com elle, para d'ali a pouco, como as formigas, estarem ás duzias em volta; a maioria interpondo-se teimosamente entre o estudo e o modelo embasbacados para o pintor e de dedo no nariz; outros armando pugilatos para verem a caixa das tintas; alguns dizendo gracejos pouco limpos ao verem deitar as côres na paleta, quasi sempre tambem o mais velho do bando como mais atilado, faz de policia de arrayal e vae tratando de abrir campo a socco e encontrões nos seus pequenos catteraneos; o artista n'estes conflictos está sempre ansioso, vendo a tela ou taboa ir ao chão e estragar-se-lhe o trabalho; mas é sempre prudente não os reprehender demasiado pois pode-lhe a sessão terminar n'um ataque á pedrada por parte dos garotos, que em taes casos são sempre todos por um.

Não conhecendo o artista os camponezes passam olhando-o desconfiados e até as mulheres se offendem se julgam que as copiam; uma disse-me, como eu lhe perguntasse porque não continuava a lavar n'um ribeiro que eu estivera copiando, que o marido não queria que o retrato d'ella andasse em caixas de phosphoros!, mas quando por acaso são do conhecimento do pintor cahem no excesso contrario; na sua tagarellice vêem até de mais, pois em logar do assumpto do quadro vêem as cousas mais disparatadas; disse-me uma occasião uma outra, que o painel que eu estava fazendo era bonito, mas que ainda gostava mais d'aquelle que eu tinha na mão!!

Era a palêta com as côres mais ou menos misturadas... e talvez inconscientemente tivesse razão.

O tempo é que começava a tornar-se mau,

grossas nuvens vinham avançando de oeste, e aquella parte da atmosphera ia tomando uma côr plumbea; alguns ligeiros burrifos d'agua passaram por mim e o vento agitando a ramaria da matta tirava zoadas idênticas á da ressaca nas praias: apressei-me portanto a dar uns ultimos toques para me retirar, mas então comecei a notar, que superior ao barulho do vento e d'aquelle mesmo lado do horizonte, ouvia um ruido singular que pouco a pouco ia crescendo de intensidade; julguei a principio que fosse trovoadas, mas por mais que fitasse o ar não via relampagos, o estrepito, porém, era continuo e applicando o ouvido julguei perceber, ao longe, descargas de fuzilaria; inopinadamente um tiro de canhão estalou e os echos apoderando-se d'aquelle som grave repercutiram-o como distanciado trovão pelas cumeadas fora. D'ali a pouco um outro, e mais outros ribombaram; o que acabou por dar a quem ouvia, o effeito estranho de se estar dando ao longe uma batalha.

Os do Lé-lé não pareciam muito satisfeitos com o caso, tinham saído em grupo para o eirado em frente da casa, tres homens, dos quaes um de idade e duas mulheres, todos de costas para mim conversavam apontando para o lado de onde vinha o barulho, uma vez ou outra, porém olhavam-me demoradamente.

A chuva começava a encomodar e portanto fui guardando os pinceis e tintas na caixa e ao mesmo tempo muito preocupado com o effeito d'aquellas detonações; applicando a vista logrei perceber nos cerros longiquos pequeninas luzes, que deviam ser as explosões da polvora na boca das peças: sobre este caso recordava-me terem noticiado os jornaes estar projectado um simulacro de combate no sitio da Arruda, dado pela divisão militar de Lisboa; as tropas tinham-se decerto estendido para os lados do Sobral, para assim se ouvir no monte da Churozeira aonde eu estava o ruido da simulada acção: a chuva porém que se ia tornando mais forte, era um inimigo com que a tropa não contava, e que lhe chegaria decerto á pelle; eu pouco resolvido a molhar-me propuz-me a desarmar o cavallete portátil para me ir embora.

N'este comenos reparei que quatro dos habitantes do casal se dirigiam para o meu lado, na frente vinha uma das mulheres e em fila a seguir os tres homens, o velho abordado a uma foice roçadoura e os restantes, uns latagões em mangas de camiza, e uns paus ferrados ao hombro; chegados ao atalho por onde eu viera pararam a uns trinta passos e collocaram-se ao longo do carreiro distanciadoes estrategicamente uns dos outros, encostaram-se aos varapaus, ficando a olhar-me com ar carrancudo; a mulher continuou a subir até perto de mim, encostou a mão ao tronco de um carvalho a cuja sombra me estabelecera e poz-se a olhar muito attenção para o meu estudo de p.ysagem, como procurando perceber o que elle significava.

Reparando n'aquelle disposição tive então instinctivamente a vaga idéa que um perigo me ameaçava, mas não percebia a razão de tal caso; no entanto puz-me a observar a mulher que era um typo original: tinha mais de meia idade e o rosto quasi negro á força de queimado do sol; vestia de luto com a saia muito remendada; umas farripas de cabelo sabiam-lhe do lenço preto fustigadas pelo vento, o olhar muito agudo e brilhante davam-lhe um todo bravio que impressionava.

Inopinadamente perguntou-me:

— O que é que vocemecê ahí está a fazer?

Fiquei um tanto surprehendido da interrogação e da ignorancia da mulher em não perceber a especie de trabalho que me occupava; respondi, escolhendo os termos mais populares, para que melhor me entendesse, que estava tirando o retrato d'aquellas arvores fronteiras e fui-lhe indicando nas suas respectivas posições em relação ao original e destacados do resto da matta, um carvalho, dois sobreiros, com os troncos vermelhos por terem sido de á pouco descortçados e um pinheiro isolado, expliquei-lhes que era com tintas de differentes côres, que tinha feito aquella vista de campo.

Não percebi se a mulher comprehendera o meu arazoado, pois a expressão espantada continuou por algum tempo a mesma; afinal disse-me:

— Vocemecê está a enganar-me, isso que ahí tem estado a arranjar ha dias é o risco d'este sitio para virem tambem para aqui fazer guerra.

— Virem fazer guerra? não a comprehendendo!

— Então a gente não vê o que lá vae para as bandas do Sobral?! o meu pae diz que é tal e qual como foi em Torres, pela Maria da Fonte.

Agora é que o caso se complicava bastante, não só aquella mulher não percebia a innocencia do meu modesto estudo, como ainda por cima

tinha que tirar da mioleira d'aquella rude gente a idéa de que ao longe se estava dando uma batalha; por isso com a maior paciencia, mas já com o animo um tanto perturbado tentei explicar-lhe o que era o exercicio em que a tropa estava empenhada, que era tudo a fingir com polvora secca, e contei-lhe que os jornaes tinham dado noticia que se haviam de effectuar diversas manobras n'um d'aquelles dias.

A mulher do casal não me acreditou e antes juntando as mãos e olhando triste para o longe exclamou:

— Ai! que desgraças por lá não irão!

A verdade é que o incessante canhoneio, que cada vez se tornava mais violento, parecia apposado em me desmentir; realmente assim ouvido de longe parecia batalha a valer; o ribombo dos tiros, das descargas e dos echos ainda por cima junto ao ar tristonho do céu infundia respeito, quanto mais aquella ignorante gente,

— Vocemecê é de Lisboa não é verdade?

Sou, respondi, mas que tem isso?

— Então sempre é o que a gente diz, vocemecê foi para aqui mandado para virem depois tambem fazerem guerra para este sitio.

Não havia que discutir, olhei a mulher que me fitava com o seu ar ferino, depois para os homens, que sempre immoveis e encostados aos varapaus me olhavam fitos, braviamente: então tive a nitida intuição de que a minha vida corria risco; deante d'aquella cilada o meu raciocinio dizia-me claramente:

— Esta gente está possuida do maior terror e pensam que poderás vir a ser o cansador da destruição dos seus bens e pessoas, naturalmente decidiram dar cabo de ti, sósinho e sem nenhuma arma estás á sua mercê visto terem te cortado a retirada, aos primeiros passos que dês para lhe escapares, racham-te o craneo á cacetada, enterram-te em qualquer canto da matta e nunca ninguem poderá suspeitar aonde desapareceste.

(Continúa)

J. R. Christino.



## REVISTA POLITICA

De ha muito que um bicho damninho devastava os nossos campos, muito mais que o phyloxera as suas vinhas, que, Deus louvado! se vão restabelecendo e parecendo voltar aos tempos em que havia uvas e vinho em Portugal.

O bicho damninho era o phyloxera da emigração clandestina e assalariada, pelos enganadores, uns bons sujeitos, d'estes para quem o interesse das boas libras está acima de tudo, até quando tem de mercadejar com carne humana, vendendo seus irmãos, com muito mais facilidade do que José foi vendido ou Judas vendeu o seu Divino Mestre.

E contudo de ha muito que este vil trafico se fazia impunemente, sem que os governos achassem meio de o evitar.

Os campos despovoavam-se e ficavam incultos por falta de braços para os amanhoar; familias inteiras abandonavam os seus lares depois de terem empenhado ou vendido tudo que possuíam, em busca das apregoadas riquezas que lhe promettiam para além do Atlantico; essas familias encontravam a morte ou a miseria n'aquellas terras que lhe haviam pintado com as mais brilhantes prosperidades, e voltavam á patria, os que tinham ainda essa fortuna, como escarneo da sorte, enfermos e mais pobres que d'antes, mal dizendo a hora em que tinham abandonado os seus logares; mas o maldito phyloxera continuava a sua obra de destruição, porque o negocio era rendoso e pouco importava que elle custasse tantas desgraças.

Se este crime não é mais nefando que o Diogo Alves a assassinar familias para as roubar, ou os saltadores a prenderem os viajantes para exigirem o seu resgate, corre parellias com qualquer d'estes repugnantes crimes, e contudo praticava-se ao abrigo da lei, por sujeitos, porventura muito considerados como homens de bem e de bons negocios, d'aquelles que sabem fazer fortunas e se riem e desdenham dos que moirejam sem passar da sêpa torta, sujeitos que Molière conheceu muito bem e que eternisou no seu Tartufo para mostrar bem ao mundo uma especie de patifes que andam pela terra a comerem do mesmo pão que Deus tão generosamente criou, apesar de impôr ao homem que comeria esse o pão com o suor do rosto.

Effectivamente o pão com este adubo nem para



todos é coisa aceiada e preferem comel-o sem aquella figura de rhetorica, embora tão sujo como a consciencia embutada e presa da sede do oiro.

Mas como dar caça ao bicho daminho se os havia e os ha de alta pópa, dispoendo de muitas libras — podera — e de muitas influencias — já se sabe. O mal, porém assumia taes proporções, o escandalo era de tal grandeza, as suas consequências tão funestas, que já não podia delongar-se e era preciso cortar o mal pela raiz.

Foi o que fez o actual ministro do reino, com toda a honradez e energia do seu character, creando a policia preventiva da emigração, que está produzindo já os seus effectos, e que de um ponto ao outro do paiz vae batendo o matto levantando a caça, em que apparecem peças de primeira ordem.

Bem haja o ministro, e tudo agora depende que não se esmoreça no caminho acabando de vez com os taes enganadores, deixando-se muito embora a cada cidadão a liberdade de emigrar quando entender que assim lhe convem, sem que para isso seja preciso enganar-o com promessas mentirosas, mas antes com pleno e seguro conhecimento do passo que vae dar.

Além d'este facto politico da maior importancia e que, por assim dizer, tem feito uma revolução no paiz, que decerto melhorará a sorte dos que pretendem emigrar, outros ha ainda da vida politica, pelo que se póde dizer, que este anno, as ferias dos altos poderes do estado foram mais curtas que de costume.

O mais recente é o do emprestimo destinado á compra de navios de guerra, que as côrtes auctorisaram e que o governo tratou agora de realisar. Escusado será dizer que a imprensa se tem occupado d'este assumpto apreciando-o conforme a sua politica, o que vale o mesmo que o ficarmos ás escuras sobre as vantagens ou desvantagens d'esta operação financeira.

A politica tem dedo para embulhar estes negocios, mas apesar de todas as difficuldades, o governo já tem em seu poder propostas nacionaes e estrangeiras para negociar o emprestimo e só resta ver se essas propostas são acceitaveis.

Tambem se annuncia para breve o reatamento das relações diplomaticas com a Italia, que desde o anno passado tem estado interrompidas como se sabe.

E por aqui nos ficamos hoje á espera da fornada de novos pares que está prestes a sahir.

João Verdades.

## NECROLOGIA

### O CONDE DE CASTRO

#### I

Abriu de par em par as portas do pantheon da historia, para n'elle se registarem os factos mais notaveis da vida contemporanea; não deixar que passem desapercibidos os acontecimentos que podem influir na vida intellectual e moral da geração presente; apreciar os homens e as cousas no seu conjuncto, á luz dos principios; lavar a sentença de absolvição ou de condemnação ácerca d'elles, é a missão da imprensa inspirada na religião do dever, da verdade e da justiça, a imprensa, essa grande vingadora da injustiça, essa justiça inflexivel e severa que abate os pederosos e eleva os humildes na phrase da Biblia.

É assim que diante d'uma vida que se esvae, que se dissolve, que se eclipsa, que cabe inanimada na vala funeraria, quando menos se esperava no momento fatal e angustioso em que se annuncia o desaparecimento pela morte d'um membro da grande familia humana, a historia assume o lugar que lhe pertence, constituindo-se em tribunal superior e unico para julgar o que foi essa existencia, para a qual principia o periodo das sombras, o periodo do sepulchro.

E como nós dissemos o anno passado n'este jornal, ácerca d'um vulto notavel do nosso paiz, a morte pode apoderar-se da sua victima, mas não pode impedir que um dia, que não é ainda o de hoje, sob o escalpo do historiador o cadaver se levante n'uma transfiguração luminosa para a posteridade, e para a gloria.

O que então dissemos do conselheiro João Baptista Ferrão de Carvalho Martens, podemos hoje dizel-o de João Antonio Gomes de Castro, segundo conde de Castro, ha dias fallecido, cujo elogio funebre vamos tentar esboçar.

Se ao primeiro nos não prendiam laços tão intimos, os da camaradagem politica ou academica

no mesmo curso universitario, aonde se estabeleceu essa fraternal sympathia, a amizade, que nunca mais se esquece nem mesmo no fastigio do poder; no segundo deviam apertar-se pelo convívio de cinco annos successivos nos mesmos bancos universitarios esses vinculos indissolúveis.

Podem os que durante esse tempo se sentaram nos mesmos bancos e que por ventura lerem estas mal alinhavadas linhas, escriptas ao correr da penna, pedidas com muita instancia pelo digno director d'esta folha, pronunciar-se sobre esta nossa afirmativa, que não receiamos ser contraditados. Qualquer que seja a região para onde o destino o conduza n'essa carreira vertiginosa do tempo e dos acontecimentos, n'essas luctas pela vida, para o academico de Coimbra não tem applicação o aforismo *longe da vista longe do coração*. Encontrando se depois de uma longa ausencia, como a muitos acontece, e como me aconteceu a mim com aquelle que foi depois 2.º conde de Castro, o prazer que trasbordou das suas lições como das minhas, não se póde definir, mas jurgue-o quem não póde experimentar o na phrase do immortal auctor dos *Lusiadas*; o que bem revela que apesar da sua elevada posição o nosso querido biographado se não esquecera de mim nos effluvios do seu fraternal affecto, pois parecia que o tempo na sua veloz carreira parara para nós no termo da nossa vida academica por um meio qualquer ou por aquelle de que nos falla a Biblia, parádo o sol á voz de Josué.

Ha muito tempo que te não vejo me disse elle, n'essa occasião, mas tinha te acompanhado com o coração na tua longa peregrinação pelo ultramar.

O receio de ser manchado pela imprensa, como accentua uma folha da capital n'estes ultimos dias *O Correio da Manhã*, não podia de certo servir de fundamento para a recusa, antes póde dizer-se com verdade que esse receio nunca imperou no seu animo, nem no animo dos ministros da fazenda que teem gerido até hoje essa importante pasta.

Salvo o devido respeito ao illustrado jornal a que nos acabamos de referir, não podemos acompanhá-lo n'este juizo de que elle 2.º conde de Castro era um desambicioso e inclinamo-nos antes a crer que se elle não acceitou por vezes a pasta da fazenda, não foi por desambição ou fraqueza, porque elle bem sabia que é verdadeiro o aforismo *noblesse oblige* mas que não é vedado a ninguem escusar-se por modestia de acceitar um encargo, que podia ser exercido por outros não mais dignos, mas mais competentes.

N'um paiz em que o logar de ministro é tão mal remunerado, em regra, os que o tem occupado não tendo fortuna propria, ou vivem como vivia Carlos Bento, com grande parcimonia, e sem nenhuma ostentação nem mesmo a de ter carruagem permanente, ou carecem de recorrer ao credito, para satisfazerem as exigencias do cargo, ou se arruinam.

Quem sabe se por causa d'essas exigencias e o receio de comprometter o seu honrado nome, para não faltar aos convites da côrte, por assim dizer inherentes ao cargo, actuaram no animo do nosso biographado, na epocha em que as suas menos favorecidas circumstancias financeiras lhe impunham o dever de se escusar com o aforismo *ad impossibilia nemo tenetur*.

De resto não se comprehende a não ser por motivos desconhecidos ou mal fundados, ou por excessiva vaidade, que os que não tem fortuna propria ou quem lhes supra a falta de meios por amizade os ajudem a equilibrarem a receita com a despesa, acceitem tão honroso cargo.

Para obviar a tudo isto que póde comprometter a dignidade do poder não seria conveniente e no interesse da causa publica elevar condignamente os vencimentos dos ministros tão mal remunerados?

Bem sabia o nosso querido biographado, que, se a calumnia quizesse, embora em pura perda, manchar o seu character aproveitaria a occasião em que elle se isolou do partido progressista, não completamente, como menos exactamente affirmou *O Correio da Manhã*, poderiamos considerar o não como correligionario infiel, mas como refractario aos perigos que corria o partido que representa entre nós o papel que representam na Inglaterra os whigs, e que em tal conjunctura o isolamento completo poderia parecer uma abstenção para sempre da politica portugueza, o que decerto não estava na mente de tão illustre patriota.

Tocámos de proposito, mas sem intenção reservada neste ponto porque nos parece que abstraindo das razões que teve o 2.º conde de Castro de se separar provisoriamente do partido a que pertencia, a colligação com os republicanos por parte dos progressistas, para o fim tão sómente de derrubar a actual situação, não se póde conside-

rar nem mesmo como uma tentativa para substituir o regimen monarchico pelo regimen republicano.

#### II

O que foi durante a carreira academica João Antonio Gomes de Castro como estudante da Universidade de Coimbra até completar a sua formatura em direito, em 1854, dizem-no não só os documentos da sua frequencia, mas o testemunho dos seus condiscipulos entre os quaes tenho a hora de me contar.

Não me deixariam mentir se fossem vivos João de Deus, que repousa hoje no pantheon dos Jeronymos, Luiz Nogueira tão cedo perdido para a patria, para a familia e para os amigos que o idolatravam, e dos vivos Thomaz Ribeiro, que foi ministro por varias vezes e em diferentes pastas e é hoje membro do Tribunal de Contas e Presidente da Junta do Credito publico; patriota ardente, illustre entre os poetas mais illustres do seculo que está a findar; eu poderia invocar o testemunho de outros condiscipulos João Baptista Dias de Oliveira, Manuel José da Fonseca, Antonio Emilio de Sousa Freire Pimentel, juizes da Relação de Lisboa e do Porto.

Filho d'um homem que honrou as cadeiras do poder pelo seu saber e pelo seu character, educado sob os mais rigidos principios de honestidade e de independencia, podia-se entrever nos bancos da Universidade, o que havia de ser na familia e na politica o filho do primeiro conde de Castro e da primeira condessa D. Maria da Costa, não um ambicioso vulgar como alguns que durante o periodo constitucional tem sido levados ao poder sem titulos que os justifiquem, mas um simples, um ambicioso que levou o desinteresse ao ponto de recusar por varias vezes o encargo de ministro da fazenda para que foi instado por quem o podia e devia ser. Que motivos o determinaram a regeitar as honras que lhe offerciam e o ensejo de intervir directamente na marcha dos negocios publicos?

Não era de certo o receio de não poder representar condignamente o papel que representaram nos tempos antigos o primeiro conde de Castro, como ministro da fazenda, Passos Manuel, Fontes Pereira de Mello, e nos tempos modernos Antonio de Serpa, Marianno de Carvalho, Fuschini e Hintze Ribeiro, Dias Ferreira, Mathias de Carvalho e que actuassem sobre elle considerações que diminuíssem o seu acrisolado patriotismo.

#### III

Não é a primeira vez que os partidos sem prejuizo das suas crenças politicas monarchicas se unem para debellar o inimigo commum.

Fizeram-no em 1847, Passos Manoel e Sá da Bandeira, colligando-se com os inimigos declarados da dynastia constitucional, os miguelistas.

Se essa colligação não triumphou, foi isso devido a uma outra colligação a de 3 grandes nações que determinaram depois da acção do Alto de Viso a convenção de Gramido.

Outras colligações teem havido em França como já ponderámos nas nossas *Cartas indianas*, mantendo os partidos colligados as suas convicções politicas.

E' sabido que o imperador do Brazil D. Pedro II, admittiu no seu gabinete cidadãos adversos á dynastia e affectos ás instituições republicanas.

E' certo porém, que se o 2.º conde de Castro, interrompeu com o chefe do partido progressista de quem fôra sempre amigo dedicado, as suas relações não se desligou completamente d'esse partido, nem do seu chefe porque não me consta que o fizesse, nem na imprensa, nem no parlamento.

Defendendo aqui a sua honrada memoria, não é outro o meu intuito senão restabelecer a verdade historica, nem pugnar por uma abstenção que diga-se a verdade se teem exemplos na historia, não se póde considerar como verdade incontestada.

Affigura-se-nos que foi este o objectivo do chefe d'esse grande partido cujas intenções e cuja fidelidade á actual dynastia não podem ser contestadas.

De resto associamo-nos ao *Correio da Manhã*, quando em palavras eloquentes elle accrescenta «que pela firmeza do seu character nobilissimo pela intransigencia dos seus principios politicos, pela bondade incomparavel da sua alma, pela rectidão do seu proceder, como patriota, e como homem publico o nome do conde de Castro hade sempre ser gravado na memoria dos que o conheceram como o prototypo da liberdade e da honra.»

Não poderíamos dizer melhor nem tão bem. Como orador parlamentar mais de uma vez ca-





CONDE DE CASTRO

FALLECIDO EM 27 DE SETEMBRO DE 1896



SEBASTIÃO PEREIRA DA CUNHA

FALLECIDO EM 20 DE SETEMBRO DE 1896

ptivou a attenção da camara baixa e da camara alta a que ultimamente pertencia, revelando a sua aptidão para as luctas da palavra.

Seu desaparecimento pela morte na crise aguda da politica portugueza, foi uma perda senão irreparavel, sentida pelo partido, que segundo a rotação constitucional tem de occupar o poder se este lhe tór offerecido pelo chefe do Estado.

Como chefe de familia foi exemplarissimo e deixa no coração de sua virtuosa esposa, um vazio que nunca se poderá preencher.

Pedindo desculpa aos leitores do OCCIDENTE por nos termos allongado tanto n'este ponto vamos terminar este estudo biographico por dizer que «lá na região dos mortos, como em tempo diziamos na *Liga Açoriana* referindo-nos a Mousinho da Silveira, aonde as paixões não imperam, aonde a existencia é immaterial, aonde o que reina é o silencio e a paz, aonde o ouro e os prazeres não vislumbra nem fascinam, os que habitam aquellas olympicas regiões, lá n'essa mansão dos immortaes» que repouse em paz e para sempre o cidadão benemerito cuja vida pôde servir de modelo não só para esta geração mas para as futuras.

Os homens passam, os grandes como os pequenos, mas o que não passa e é indestructivel e superior ás leis da materia e a todas as grandezas humanas, é a memoria das suas virtudes e do seu nome que fica sempre, na consagração solemne da historia como um monumento de respeito e como uma saudade.

Lisboa, 30 de Setembro de 1896.

Dr. A. M. de Tavora

## SEBASTIÃO PEREIRA DA CUNHA

Sebastião Pereira da Cunha era uma d'estas figuras que se impunham pela forma insinuante da voz, pela naturalidade do gesto e pelo olhar franco, leal, digno; e o modo elegante de dizer era sublinhado por um jogo de phisionomia tão espontaneo que, agradando, deliciava e interessava todos os que fruiam o encanto de com elle privarem.

O *Saio de Malha* foi a primeira produção sua que elle me enviou com uma captivante dedicatória, depois foi para Hespanha, percorreu a Andaluzia, e em Granada, a *Cidade Vermelha*, onde o grande poeta encontrou ensejo para que o seu bello talento se expandisse como para que o seu grande coração se revelasse.

O *Saio de Malha* é a admiração pelo passado que representa a grandeza de crenças do auctor. A *Cidade Vermelha* é a revellação do homem erudito, do altruista que só sabe ver o Bem.

O perfil da Moura, e do ultimo *abencerragem* como lhe chama o poeta, o celebre Boabdil de que a Hespanha conserva a historica armadura rica, que é ainda um dos monumentos da armaria cas-

telhana, representando mais uma das mil conquistas d'esse povo singular e extraordinario, que chegou pela Fé e pela Esperanca a crear um imperio que obrigou o Rei Filippe II a dizer, e com razão que nos seus estados o sol nunca era no poente — isto quer dizer quanto incommensuravel era o seu poder.

Pois o nosso querido poeta, o nosso presado amigo Sebastião Pereira da Cunha foi procurar na rainha do Mediterraneo ao seu ambiente, á sua perfumada atmosfera a inspiração para o seu grande poema.

É tão grande é elle como foi o seu coração de artista . . .

*Cesar de Padilla* o personagem heroico, perfeitamente meridional, que deixa a perder de vista o celebrado *conde de Montgomery*, é... é elle... é o meu querido Sebastião Pereira da Cunha...

O talento e o genio não teem epochas. Que me importa que Isabel a Catholica vivesse ha tantos seculos, e por esse tempo existisse um Sebastião Pereira da Cunha que se chamou *D. Cesar de Padilla*!

O arrojo do moço cavalleiro e a valentia do fidalgo corriam parelhas com o seu feliz engenho e com a sua protectora estrella.

O fraco, perdido, quebrado de animo e de corpo era Boabdil o sanguinario amador dos degolamentos no *Pateo dos Leões*.

No fim d'este poema que honra a litteratura nacional, ha, umas notas que accusando uma extraordinaria modestia do nosso querido poeta, revellam coutudo um profundo estudo de tal ordem, e atingindo tal altura que o poeta se transforma em historiador fazendo lembrar com saudade os processos que Alexandre Herculano empregava no seu escrupuloso modo de escrever a Historia.

Resta-me ainda dizer que o nosso querido collega e intimo amigo que brindou o seu paiz com um poema do valor do que ajuizadamente intituiu a *Cidade Vermelha*, lembra muito a correção de Almeida Garrett, ainda que este, de principio, evadido das leituras de Byron se afastou da norma nacional de Camões, D. Francisco Manuel de Meilo, e outros, conservando porém o nosso Pereira da Cunha a linha que mais o aproxima d'estes do que d'aquelles porque, não sei se nos fazemos comprehender, o nosso Pereira da Cunha era a um tempo, erudito e apaixonado.

Nobre! ? attestava o o seu caracter.

Fidalgo; vejamos o que nos dizem verdadeiras auctoridades.

Consultados, o saudoso D. Antonio da Costa, o erudito Pinho Leal vejamos, não porque nós o não soubessemos, qual a linha genealogica dos Pereiras da Cunha:

Representava por um ramo os Cunhas, senhores e actualmente proprietarios da Torre solar de Cunha (concelho de Coura) aquella em virtude das luctas da epocha foi sequestrada á familia de Pereira da Cunha em 1370 e bem assim a de Vidigal e Silvares pelo rei D. Fernando o formoso por instigações da michela Leonor Telles.

Porém a 1463, o rei, que principiou de crear praticamente o nosso imperio africano, por isso que o verdadeiro iniciador fôra o infante D. Henrique, um, senão o mais notavel, filho do bom rei D. João I; e fallamos assim porque Affonso V, o percursor do grande D. João II, entendeu restituir á familia Pereira da Cunha tudo que a michela Leonor Telles, pela sua intriga, tinha obtido do pobre D. Fernando o formoso.

Por outro ramo Sebastião Pereira da Cunha descendia ainda dos senhores da Casa do Paço de Anha, proximo de Vianna do Castello.

N'este palacio dos Pereiras da Cunha deu-se um facto historico notavel: — O celebre prior D. Antonio do Crato, aclamado rei em Santarem ali esteve escondido no anno de 1580 depois do desastroso encontro na ponte de Alcantara com o duque de Alba representante do *demonio do sul*, como diziam os puritanos da velha Flandres.

Pela linha materna Sebastião Pereira da Cunha procede dos antigos marqueses de Bellas e dos senhores de Entre-Homem e Cavado; e, sendo grande de Hespanha de primeira classe, pertencia-lhe o titulo de marquez de Mortára de Zarsigal.

Mas para que insistir n'este ponto? . . .

Quem não conhece o poeta do *Primeiro Alvor*, a *Tarde de um Cesar* o poemeto *Heroes d'Africa* para não vêr atravez do fidalgo que

tanto honrou terras portuguezas, o grande poeta que só portuguezes o podem apreciar.

Um admirador de Sebastião Pereira da Cunha... e elle tinha tantos que não admira, na minha dôr, eu não poder conservar-lhe o nome! dizia:

— «Admira que este genio, embalado em nobilissimo e dourado berço, viesse esconder-se no seu castello solitario de Santa Martha, na foz do Lima, n'estes tempos em que tantos alardeiam nos prelos, nos ateneus, nos clubs e nos bottequins, de possuirem portentosos talentos. Escondem-se os brilhantes e brilha a vidraçaria.»

Sebastião Pereira da Cunha nasceu em 9 de fevereiro de 1850 em Vianna do Castello.

Casou em 1869 com sua prima a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Maria Amalia d'Almada Cyrne Peixoto, filha dos condes de Almada; d'esta gentilissima senhora enviuvou em 3 de março de 1881.

Não podemos deixar de transcrever algum trecho do notavel poema *A cidade Vermelha*.

Quando Boabdil pede paz aos reis de Castella Fernando e Isabel, o nosso poeta diz:

Vimos pedir a paz; a paz só desejamos  
E, em prova da amizade, agora te mandamos  
Dois corseis alasões,  
Jaezes de valor, e nobre cimitarra  
Que tanta vez brilhou nos cerros de Alpujarra  
No Pateo dos Leões.

O nosso querido Sebastião Pereira da Cunha, tinha um escrupulo em tudo que tocasse a responsabilidade historica; e, por isso a auctorisar a verdade historica do que se affirmava n'estes soberbos versos diz:

O rei Boabdil, escrevendo a Fernando V, e propondo-lhe uma capitulação, envia-lhe dois cavallos, uma cimitarra e alguns jaezes. Tanto a proposta (de paz) como a offerta foram enviadas no dia 1 de janeiro de 1492. (Historia General de España de Ivan de Mariana).

Como vêem, meia dúzia de versos é mais do que o preciso, seguidos de notas d'esta ordem, para dar o alto valor historico do poema, e a vasta e solida erudição do auctor.

Dissemos do escriptor tudo que elle valia, mas do homem, do amigo, teriamos de escrever volumoso livro para dizermos tudo que elle era no trato intimo, onde só se percebia que não era uma palavra vã — a sinceridade.

Manoel Barradas.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 a 70